

CHE
Guevara

PILAR HUERTAS

CHE
Guevara

UMA VIDA EM IMAGENS

Tradução de
PEDRO CARVALHO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
1. UM GÊMEOS QUE ERA TOURO	12
2. PAIXÃO PELA VIDA	42
3. O HORIZONTE FICA SEMPRE MAIS ALÉM	72
4. TEMPOS DE DESCOBERTA E DE AMIZADE	102
5. «FALA O DOUTOR GUEVARA DE LA SERNA»	130
6. O «IMPÉRIO» IMPÕE A SUA LEI	158
7. UM ENCONTRO DECISIVO	184
8. «FAZER É A MELHOR MANEIRA DE DIZER», JOSÉ MARTÍ	214
9. UMA IMAGEM MÍTICA CAPTADA POR KORDA	244
10. O COMBATE FINAL	278
CRONOLOGIA	311
BIBLIOGRAFIA	317



CHE

INTRODUÇÃO



«O homem não é totalmente dono do seu destino. O homem também é filho das circunstâncias, das dificuldades, da luta... Os problemas vão-no trabalhando, como um torno trabalha a matéria-prima. Atrevo-me a dizer que o homem não nasce revolucionário...»

Fidel Castro

Estas palavras de Fidel Castro sintetizam perfeitamente a formação de um homem, Ernesto Guevara de la Serna, argentino universal e cubano por adoção, que soube sentir a América Latina como a sua Grande Pátria e a quem um firme compromisso pessoal com os povos oprimidos da terra transformou num autêntico cidadão do mundo.

A sua personalidade audaz ganha destaque nos agitados anos de 1960, quando, depois da guerra que arrasou a Europa entre 1939 e 1945, as potências emergentes disputaram a sua hegemonia num mundo que queriam bipolar e no qual os países da América Latina, da África e da Ásia se tentavam sobrepor ao colonialismo — nuns casos — e ao neocolonialismo — noutros — que os mantinha, em alguns casos, submetidos. A partir do marco que foi a Revolução Cubana, conduzida até à vitória final por outro símbolo desta época que ainda permanece vivo, Fidel Castro, Che transformar-se-ia no estereótipo do rebelde e do lutador anti-imperialista guiado por princípios e ideais que davam um sentido real à sua existência. A causa da humanidade oprimida merecia, para Che, qualquer sacrifício, incluindo o da própria vida, pelo que os seus sentimentos pessoais, inesperadamente intensos, encontraram uma nova dimensão vital que não interferiria com o dever, com a obrigação e com o compromisso na dita causa. A formação do homem, contudo, tinha começado na Argentina, seu país natal, e na

mais tenra infância do nosso protagonista, quando lhe foi diagnosticada uma asma crónica associada a manifestações alérgicas que, provavelmente, tinham um carácter congénito. As limitações que os médicos impuseram à vida da criança seriam postas em causa quando se verificou que a doença o acompanharia ao longo da vida; de tal modo que, apoiado pela mãe, Ernesto encontraria no desporto uma verdadeira paixão que iria contribuir tanto para o seu fortalecimento físico, como para o desenvolvimento de um autocontrolo eficaz — extremamente útil para enfrentar os ataques de asma —, e que, paralelamente, iriam dando forma a uma vontade inquebrantável.

Alguns dos que o conheceram afirmam que era temerário: jogava rãguebi e futebol, nadava, fumava e, enquanto guerrilheiro, realizava marchas intermináveis e sufocantes pelas selvas húmidas — Sierra Maestra, Congo, Bolívia — infestadas de agentes alergénicos. Os amigos com quem praticava desporto lembram-se dele com o inalador sempre por perto; e também os seus companheiros de guerrilha o recordam de inalador na mão, quando dele podia dispor... Outros, que com ele se relacionaram, asseguram que Ernesto era extremamente duro consigo próprio e perseverante até ao infinito...

Leitor ávido desde a infância, é possível que, na juventude, durante os dias de reflexão passados ao lado da avó paterna,



Nas palavras da sua amiga Tita Infante, Ernesto Guevara foi, talvez, o cidadão mais autêntico do mundo.

ajudando-a no momento crítico da morte, tenha tomado consciência de si próprio e decidido o que fazer com a vida que ainda tinha pela frente: tornar-se médico foi, então, a melhor forma que lhe ocorreu de ajudar os seus semelhantes, tentando aliviar os seus sofrimentos físicos. Para mais tarde ficava aquela outra preocupação que tinha permanecido entre os seus pensamentos: a de fazer frente aos males morais (como a injustiça, e a humilhação, etc.) de que eram potenciais vítimas milhares de indivíduos e mesmo populações inteiras no seio da complexa rede social humana. Neste aspeto, o marxismo-leninismo e a sua experiência de viajante pela América Latina — sobretudo as suas vivências na Guatemala democrática de Jacobo Arbenz, que acabaria derrotada pela força das armas

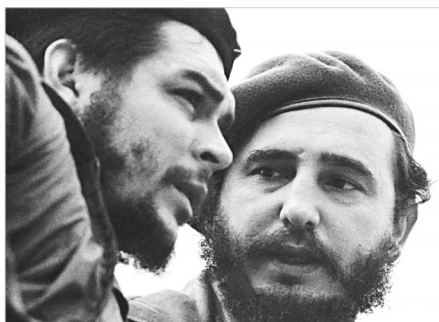
para impor, face aos interesses do povo, os da United Fruit Company — providenciaram-lhe a chave. Algum tempo mais tarde, depois do desembarque em Cuba, durante um bombardeamento da aviação de Batista, teve de escolher, rapidamente, entre salvar uma caixa de munições e uma metralhadora ou arrastar e guardar consigo a mala de médico.

A influência e aura de Che devem-se sobretudo à Revolução Cubana, a cujo serviço se colocou, absolutamente convencido por Fidel de que era possível gerar princípios e valores individuais e sociais à margem daqueles que imperavam em torno das oligarquias políticas, económicas e militares patrocinadas pelos Estados Unidos. O contributo de Guevara para a Revolução, para além do apurado instinto guerrilheiro que o levou a chegar ao posto de comandante, seria toda uma «filosofia» para a construção do socialismo em que o homem — o «homem novo» — se transforma num elemento substantivo da mesma, capaz de assumir e velar pelos novos valores e ser reto com a sua própria consciência a fim de se comportar como um autêntico revolucionário ao longo de todas as horas do dia. «O caminho é longo e cheio de dificuldades», escreve, «[...] O nosso povo sabe que a época gloriosa que lhe cabe viver é de sacrifício; conhece o sacrifício. Os primeiros conheceram-no na Sierra Maestra e onde quer que seja que se tenha lutado; depois encontramo-lo por toda Cuba. Cuba é a

vanguarda da América e deve fazer sacrifícios porque ocupa um lugar avançado, porque apresenta às massas da América Latina o caminho para a liberdade plena...»

E, de facto, Cuba, enquanto tenta consolidar essa nova sociedade pela qual lutou, transforma-se no epicentro dos movimentos revolucionários que agitavam já há algum tempo a América Latina. O país situa-se, no entanto, a apenas noventa milhas da costa do seu grande inimigo declarado, os Estados Unidos, e no centro de uma polémica ideológica desencadeada, no campo socialista, entre a União Soviética e a China. Esta polémica dividiu toda a esquerda revolucionária numa altura em que existiam condições objetivas para que o tipo de luta armada que Che fora fazer para a Bolívia, onde viria a ser assassinado, pudesse ser coroado de sucesso.

Para este símbolo de rebeldia, luta e valores solidários, Ernesto Che Guevara — que foi bandeira do Maio de 68 em França; que, quarenta anos depois do seu desaparecimento, continua presente nos afazeres quotidianos do povo de Cuba e nas regiões do Terceiro Mundo, cujos direitos defendeu, e que é figura central de cartazes e de camisolas por todo o mundo desenvolvido —, o fotógrafo cubano



No campo pessoal, Ernesto e Fidel mantiveram uma amizade profunda assente na admiração e respeito mútuos.

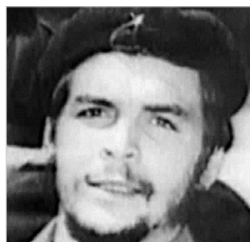
Alberto Korda proporcionou-nos um verdadeiro ícone através dessa imagem obtida durante a homenagem multitudinária às vítimas do cargueiro *La Coubre*. Nesta, Che surge com o olhar perdido no horizonte, como se estivesse concentrado nos seus pensamentos — um olhar que encerrava uma força e um dramatismo que cativavam quem o contemplasse —, o cabelo comprido sob a boina escura na qual brilhava a «estrela solitária» e o seu rosto belo e eternamente jovem...

«Sinto outra vez, sob os meus calcanhares, as costelas de *Rocinante*; regresso ao caminho com a adarga no braço... Muitos me chamarão aventureiro e sou-o; mas de um tipo diferente, dos que arriscam a pele para demonstrar as suas verdades...»



CHE

UM GÊMEOS QUE ERA TOURO



De pais de ascendência nobre, nasce na cidade de Rosário, província de Santa Fé, Ernesto Guevara de la Serna. Do terreno que o pai comprara na província fronteiriça de Misiones, no nordeste argentino, a família muda-se em busca dos ares sãos de Alta Gracia, no coração do país, mais favoráveis ao mal crônico que afetaria o pequeno Ernesto durante toda a vida: a asma.

Não deixa de ser curioso que duas importantes personagens do século XX, que o destino viria posteriormente a juntar numa luta ambiciosa (poderíamos até apelidá-la de titânica, se tivermos em conta os meios utilizados e os objetivos finais propostos), contassem com uma característica comum que consiste no facto de as datas dos seus nascimentos terem sido, independentemente do motivo, falsificadas. As personagens a que nos referimos são Fidel Castro Ruz e Ernesto Guevara de la Serna, o «Che».

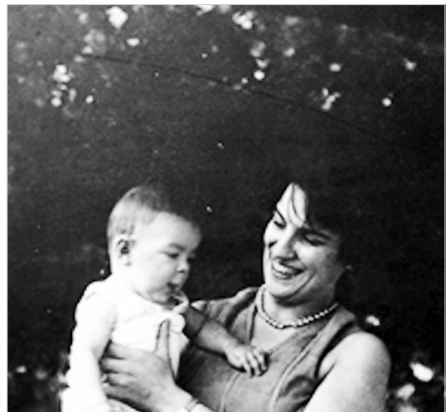
No caso do primeiro, e com o objetivo de o poder matricular no colégio Belén de La Habana, o pai entregou cem pesos no registo da comarca de Cueto (província de Oriente) para que a data de nascimento recuasse um ano, de tal modo que, oficialmente, o nascimento de Fidel Castro ocorreu a 13 de agosto de 1926. Não obstante, um ano a mais ou um ano a menos em nada alteraria o facto de Fidel ser, em todos os aspetos, Leão: com energia e criatividade em abundância, proporcionadas pelo seu astro regente, o Sol; e, como este, brilhante e magnânimo, orgulhoso,

Celia de la Serna contempla orgulhosa e feliz o seu primogénito, o pequeno Teté, que se converteria no mítico Che Guevara.

bom organizador e com capacidade de liderança.

Mas no que se refere ao protagonista desta biografia, e segundo os astrólogos, havia algo de errado. Che Guevara nascera, oficialmente, a 14 de junho de 1928, pelo que o seu signo do zodíaco seria Gémeos, elemento aéreo e dual caracterizado por uma natureza flexível e por uma personalidade socialmente adaptável que nada tinha em comum com as características da personagem em questão, convertida, trinta anos mais tarde, em autêntica lenda viva graças a uma audácia e força de vontade verdadeiramente míticas, bem como ao seu profundo idealismo.

A jornalista argentina Julia Constenla — que acabaria por se tornar amiga da mãe de Che Guevara, Celia de la Serna, na



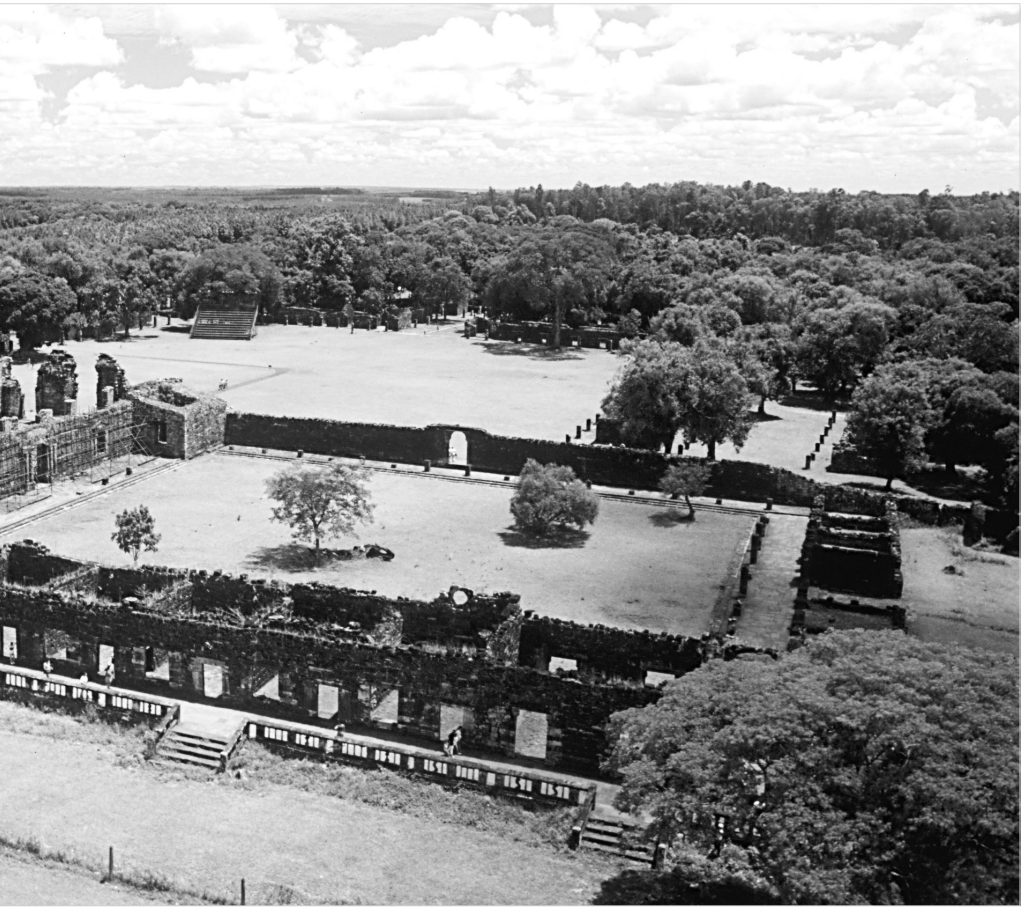
sequência de uma primeira entrevista realizada em finais da década de 1950, quando o filho se começou a notabilizar na guerrilha cubana da Sierra Maestra — conta que, pouco depois, se propôs realizar uma biografia sobre Ernesto Che Guevara, na qual pretendia «dessacralizar» a figura, já então envolta numa aura de glória e mistério. Com esse fim, pediu a uma astróloga amiga que traçasse o horóscopo do argentino e, com este nas mãos, dirigiu-se a casa de Celia. Quando as duas concluíram a leitura e deparando-se com a descrição de uma pessoa muito mais amável, extrovertida e flexível, Julia afirmou, com toda a sinceridade, à mãe de Che Guevara: «Olha, ou a pessoa que traçou este horóscopo é uma fraude, ou o teu filho não é o que parece.»

Celia viu-se incapaz de parar de rir perante as duas possibilidades apresentadas pela jornalista à laia de conclusão; contudo, depois desse primeiro momento de hilaridade,



respondeu-lhe que existia, certamente, uma outra alternativa a ter em conta e que lha revelaria, desde que esta se compromettesse a guardar segredo: «O Ernesto nasceu a 14 de maio, não a 14 de junho. Casei-me grávida. As minhas velhas tias teriam morrido se o soubessem...»

O olhar profundo e a barba rala são as duas características físicas mais notórias do Comandante.



Che Guevara não era, como tal, Gémeos mas sim Touro, um signo de «Terra» regido pelo planeta Vénus. Daí a sua força e perseverança; daí a sua resistência e obstinação, a sua apazibilidade e a sua cólera, bem como a sua indescritível sensualidade... Graças ao horóscopo, Celia revelara aquele segredo, segundo o qual Ernesto era apresentado como tendo nascido aos sete meses para salvar as mais elementares aparências (Ernesto

Durante a sua juventude, Che Guevara demonstrou um grande interesse pelas culturas pré-colombianas, cujas ruínas sobrevivem ao esquecimento e se estendem por grande parte da América Latina.

Guevara Lynch e Celia de la Serna, pais de Che Guevara, tinham casado no mês de novembro de 1927, estando ela grávida de três meses, na sequência de um namoro tempestuoso ao qual não faltou a famosa fuga de namorados que



A injustiça contra os indígenas americanos, explorados e entregues à sua sorte, fere a sensibilidade do jovem Guevara.

forçou a família de Celia a consentir um casamento fruto do «amor à primeira vista»).

Celia de la Serna de la Llosa era a mais nova de seis irmãos, fruto do casamento celebrado entre Juan

Martín de la Serna Ugalde e Edelmira de la Llosa. O pai de Celia, professor universitário, deputado pelo Partido Radical — o deputado mais jovem, com 29 anos — e embaixador na Alemanha, provinha de uma família e ascendência antigas e fortuna considerável. Sofria de constantes episódios depressivos que o levaram ao suicídio durante uma viagem à Europa. Edelmira, a sua esposa, faleceu igualmente algo tempo depois, deixando Celia órfã e entregue aos cuidados dos irmãos mais velhos e de umas tias, senhoras de uma moral rígida que inculcaram na jovem um sentimento de profundo fervor religioso, do qual se foi desfazendo, não obstante, à medida que a sua capacidade de raciocínio

QUESTÕES PEQUENO-BURGUESAS

Che Guevara nunca conferiu qualquer importância ao facto de pertencer à aristocracia argentina, a não ser como recurso jocoso. Em 1964, recebeu uma carta de uma mulher de Casablanca que lhe perguntava de que parte de Espanha eram oriundos os seus ascendentes — também ela se chamava Guevara —, não se fosse dar o caso de serem parentes. Che Guevara respondeu-lhe o seguinte:

«Companheira: na verdade não sei bem de que parte de Espanha é oriunda a minha família. Como é natural, os meus antepassados já há muito tempo de lá saíram, com uma mão à frente e outra atrás (e se não as mantenho assim é apenas pelo incómodo da posição). Não creio que sejamos parentes muito próximos, mas se Vossa Excelência for capaz de tremer de indignação sempre que se comete uma injustiça neste mundo, somos companheiros, o que é muito mais importante.»

Entrada para o edifício onde se situava o apartamento que os Guevara de la Serna alugaram em Rosário, quando Ernesto nasceu.



lhe ia permitindo julgar com liberdade o mundo que a rodeava.

Com apenas vinte anos, Celia tornara-se já uma mulher magra e bela, de olhos castanhos e cabelo escuro e encaracolado. Era, também, inteligente e destemida, amava a natureza e participava ativamente na vida cultural da capital argentina. Mas, além disso, era uma feminista fervorosa, a ponto de cortar as suas tranças, fumar e conduzir um automóvel; ações consideradas, no mínimo, «excêntricas» no que dizia respeito à vida social do início do século xx. Neste sentido, Celia ansiava por uma autonomia elementar que lhe permitisse enfrentar a vida de acordo com as suas concepções particulares, nascidas de uma personalidade dada à reflexão e a tecer um juízo próprio acerca de todo e qualquer assunto que pudesse surgir no seu dia a dia. Assim sendo, quando se deparou com Guevara Lynch, Celia soube que aquele jovem, que vivia e apostava em projetos diferentes daqueles para os quais eram normalmente arrastados os filhos das classes média e alta argentinas, era o homem da sua vida.



Teté — como chamavam carinhosamente ao menino — posa, incomodado pelo excesso de luminosidade, junto aos pais.

Ernesto Guevara Lynch tinha então 27 anos. Alto e magro, com óculos que lhe conferiam uma aparência entre o intelectual e o tímido, era, no entanto, um homem extrovertido, bom conversador, atraente e um experiente dançarino de tango. Sexto filho de onze irmãos, também tinha na sua árvore genealógica antepassados nobres — tanto espanhóis como irlandeses —; contudo, das antigas glórias e fazendas, restava apenas a recordação e, naquela altura, os seus

parentes mais próximos compunham uma família acomodada que se movia com naturalidade entre as pessoas de bem.

Ernesto tinha abandonado os cursos de engenharia e de arquitetura — primeiro tinha desejado ser médico — obtendo um único grau técnico, o de Empreiteiro. Investiu a herança que recebeu aquando da morte do pai no Estaleiro San Isidro, propriedade de um parente próximo. Homem de ideias próprias, queria seguir uma vida que estivesse de acordo com as mesmas, de tal forma que, quando conheceu Celia, também ele não teve quaisquer dúvidas em apostar num projeto de existência comum e em enfrentar os inconvenientes que as

suas peculiaridades pessoais acarretavam para a família de Celia que, na realidade, o considerava uma «ovelha negra».

A gravidez de Celia e a oposição da sua família ao casamento — recordemos que ela necessitava do consentimento da família por ainda não ter celebrado o seu vigésimo primeiro aniversário, altura em que se atingia a maioridade — levariam o casal a tomar medidas drásticas que, de facto, acabariam em matrimónio. Depois do casamento, Celia também pôde dispor da herança dos pais, com a qual adquiriram algumas centenas de hectares na zona ribeirinha do rio Paraná, na província norte-oriental de Misiones, com a intenção de cultivar erva-mate (Guevara Lynch sempre se mostrara extremamente empreendedor e ativo nos negócios, embora fosse um tanto errático no desenvolvimento dos mesmos).

«Decidimos viver a nossa vida sem prestar a menor importância às tagarelices mundanas», escreveria mais tarde Guevara Lynch, evocando aquela época no livro *Mi hijo el Che*. «Para nós não existia desconforto. Ultrapassávamos todos os contratempos quando queríamos

Che Guevara era extremamente exigente consigo próprio.





obter algo que era do nosso interesse. Na família de Celia abundavam os convencionalismos sociais, mas estes não conseguiram mudar o seu carácter e, num curto espaço de tempo, os poucos convencionalismos sociais que ainda subsistiam caíram por terra. Pela minha parte, e ainda que a minha família também os tivesse, eu nunca os tive.»

É possível que, através daquele início de vida em comum, Ernesto Guevara Lynch pretendesse imitar os seus antepassados, cuja sede de aventuras e dinheiro levava até à

A infância de Che foi passada em Alta Gracia (Córdova). Aqui vemo-lo do lado direito da fotografia, na fila do meio, junto dos seus companheiros de brincadeiras e travessuras.

quente península da Califórnia, em plena «febre de ouro». De qualquer forma, o terreno que pretendia explorar em Misiones parecia-lhe o negócio perfeito para fazer fortuna, além do mais localizado numa região selvagem onde a natureza transbordava de esplendor, pouco povoada e longe da família.

Misiones, a província mais setentrional da Argentina, assemelha-se a um



braço de território embutido em terrenos internacionais, habilmente delimitado pelos vales de dois grandes rios: o rio Paraná, que traça a fronteira com o Paraguai, a oeste — é o seu afluente, o rio Iguaçu, que delimita a norte a fronteira com o Brasil —, e o Uruguai que, juntamente com o rio Pepirí-Guazú, seu afluente pela margem direita, delimita a fronteira este da Argentina com o Brasil.

A chamada Mesopotâmia argentina — uma região que se estende em direção a sudeste até ao delta formado pela foz do rio Paraná — tem a sua origem em Misiones e forma um planalto, nesta província, onde a erosão dos leitos fluviais desenhou uma paisagem de lombas baixas. De quando em vez, a presença de basaltos, mais resistentes ao atrito da água, provoca alguns desníveis, sendo o mais



Palácio de San José em Entre Ríos, Argentina.

espetacular aquele que, a 22 quilómetros da sua confluência com o rio Paraná, formou o rio Iguaçu, com as famosas cataratas do mesmo nome.

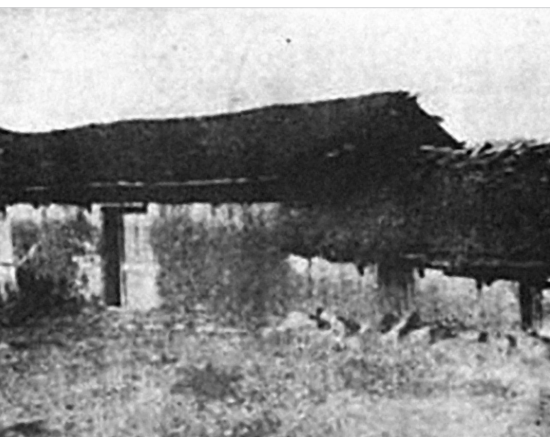
Com um clima subtropical, precipitação abundante e uma temperatura média de 21 °C, as formações selvagens, densas e variegadas nos seus diferentes estratos convivem com zonas de

utilização agrícola, como as que eram dedicadas ao cultivo da tradicional erva-mate, configurando um conjunto de beleza e peculiaridade singulares sobre o qual Guevara Lynch escreveria: «Ali, na misteriosa Misiones, tudo nos deixa obcecados: a selva impenetrável repleta de arvoredos que escondem o sol com lianas e

O PAI DE CHE FALA SOBRE SI PRÓPRIO

«Agora, meu amigo, permita-me dizer-lhe umas palavras sobre a minha própria pessoa. Estudei na Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Buenos Aires, mas a intervalos, porque tinha de trabalhar. Das antigas fazendas do meu avô não me restava mais do que uma recordação. O meu pai era um dos seus muitos filhos e nós, como já lhe disse, éramos onze irmãos. Isto pode explicar-lhe o porquê de não vivermos das rendas. E muito bem, porque nenhum de nós se tornou um parasita...»

Ernesto Guevara Lynch



A «escolinha» de La Higuera (Bolívia), onde esteve preso e foi assassinado, em 1967.

cipó-colorado¹, o *yaguareté*², o gato do mato³, o puma, o jacaré⁴, a anta⁵ e o papa-formigas. Tudo em Misiones é atraente e cativante.»

A plantação que tinham adquirido ficava situada no município de Caraguatay, no distrito de Montecarlo, e nela o casal ergueu uma casa de madeira rústica junto ao rio, com uma bela vista para a ilha de Caraguatay que, naquele troço, emergia majestosamente do meio das águas do rio Paraná.

Ao longo da sua vasta história, Misiones reuniu nos seus territórios pessoas dos quatro cantos do mundo

e ali o jovem casal tinha por vizinhos um grupo de alemães e um inglês, maquinista dos caminhos de ferro reformado, que dedicava agora grande parte do seu tempo à pesca, a sua grande paixão. Enquanto a gravidez de Celia prosseguia o seu curso, aqueles primeiros meses em Misiones, durante os quais foram organizando o lar e inspecionando os arredores, apresentaram-se como uma lua de mel prolongada para o casal. Apenas quando a hora do parto se começou a aproximar é que os Guevara abandonaram o seu recém-descoberto paraíso e se deslocaram, rio abaixo, em direção a Rosário, capital da província de Santa Fé e terceira cidade mais importante do país, cujo porto fluvial era um dos mais importantes do rio Paraná.

Em pleno outono do hemisfério austral, quando as árvores vão soltando as suas folhas, pressentindo já os rigores do inverno, veio ao mundo no Hospital Municipal da

¹ Nome genérico de uma grande variedade de plantas trepadeiras.

² Nome guarani do jaguar.

³ Felino com pouco mais de um metro de comprimento, contando com o pescoço, com manchas alargadas de contornos pretos.

⁴ Caimão. Réptil natural da América do Sul parecido com o crocodilo.

⁵ Alce. Mamífero ruminante parecido com o cervo.



OS TRABALHADORES DO CAMPO

Ernesto Guevara Lynch recorda como era a vida na província de Misiones para os trabalhadores agrícolas, por volta de 1927: «Os trabalhadores das plantações de erva-mate tinham uma vida miserável, de presidiários; o dono da plantação era seu dono e senhor absoluto, podendo espancá-los impunemente e até mesmo matá-los.

Não recebiam sequer em dinheiro, mas sim em vales, que trocavam no armazém do dono por produtos de segunda qualidade e objetos sem qualquer valor. Além disso, o dono vendia-lhes aquelas porcarias três vezes acima do seu valor. Para cúmulo, envenenava-os com álcool, do qual existiam reservas ilimitadas no armazém. Qualquer resistência organizada entre os trabalhadores era barbaramente esmagada pelo dono da plantação e pela polícia.

Comecei por abolir os vales e por pagar um salário em dinheiro aos trabalhadores. Cheguei mesmo a proibir a venda de álcool na plantação. Depois, ganhei inimigos entre os donos das plantações vizinhas. Primeiro,

Na província nordeste de Misiones, os Guevara adquiriram umas centenas de hectares à beira do rio Paraná para cultivar erva-mate.

tomaram-me por louco; mas quando se convenceram de que me encontrava em perfeitas condições mentais, disseram que era comunista. Naquela época, eu era apoiante da União Cívica Radical. Tratava-se de um partido democrático cujo líder, Hipólito Yrigoyen, então presidente da nação, fez muitas coisas úteis para o país: era a favor de uma política externa independente e respeitava a Constituição. Os donos das plantações ameaçaram-me com represálias. Então, em Misiones, reinava a mais absoluta arbitrariedade. Os donos das plantações controlavam as autoridades locais e a polícia.»

El camino hacia el Granma

Entrevista ao pai de Che por I. Lavretsky
(pseudónimo do historiador russo
Yosif Grigulevich)





América, continente de contrastes cuja natureza é espetacular tanto na frondosidade das suas selvas como na aridez dos seus desertos.

cidade de Rosário — conhecido como o do Centenário —, na madrugada de 14 de maio de 1928, Ernesto Guevara de la Serna, o Che. A 15 de junho, um mês depois, seria registrado no Registro Civil dessa mesma cidade, figurando como data de nascimento na ata correspondente o dia 14 de junho de 1928.

Celia e Ernesto instalaram-se com o recém-nascido num

apartamento luxuoso no centro da cidade de Rosário, enquanto a jovem mãe recuperava do parto. Contudo, passados quinze dias, o bebê foi atingido por uma grave pneumonia que quase lhe custou a vida e à qual muitos atribuem a origem da asma crônica que o viria a afetar algum tempo mais tarde.

Os pais mantiveram-se de vigia, de dia e de noite, durante oito dias, num estado de preocupação constante, tentando ajudar o filho a sobreviver, já que os relatórios médicos eram muitíssimo desanimadores e que o pequeno mal